

Serra, família e sangue: a serra elétrica, o fazer-família e o fazer-sangue na franquia *O Massacre da Serra Elétrica* (1974-2022)¹

Mário Ferreira da Silva (UFRGS/RS)

Palavras-chave: cinema; horror; família.

Introdução

A franquia *O Massacre da Serra Elétrica* é de suma importância para o cinema de horror, tendo no seu original, *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), um filme que marcou o gênero e recentemente - em 2024 - foi adicionado à lista de filmes a serem preservados pelo Registro Nacional de Filmes, da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Os filmes adicionados anualmente são considerados obras que tem uma “[...] importância cultural, histórica ou estética para preservar a herança nacional fílmica” (25 Films, 2024), ou seja, essa adição à biblioteca só reforça a importância da franquia, não apenas para o contexto estadunidense mas um reconhecimento da potência do cinema de horror enquanto produção e representação para a realidade social.

A relevância da franquia também está em voga acerca dos últimos debates que versam tanto sobre a disputa pelos seus direitos e a subsequente produção de uma série para TV e um filme novo, a ser lançado. Devido a esses novos desdobramentos tanto o interesse midiático quanto a exposição da franquia tem sido frequente na mídia especializada² e além de ressaltar o interesse na franquia enquanto obra fílmica, o assunto sobre família tem sido trazido à tona por Curry Barker, diretor do futuro longa-metragem.

Esse fator que não apenas valida a significância que a série de filmes tem não apenas para o horror, quanto para a *cultura pop* em geral, foi a guerra de lances³

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Cf. <https://www.fangoria.com/curry-barker-obsession-texas-chainsaw-smdh/> ;
<https://www.dreadcentral.com/news/570870/curry-barker-plans-to-explore-the-sawyer-family-in-his-texas-chainsaw-massacre/> ;
<https://collider.com/a24-texas-chainsaw-massacre-reboot-first-plot-details-leatherface-family-director-curry-barker/> e
<https://deadline.com/2026/05/texas-chainsaw-massacre-curry-barker-leatherface-family-1236879049/>.
Acesso em 30 Jun. 2026.

³ Cf. <https://bloody-disgusting.com/movie/3871836/texas-chainsaw-massacre-rights-update-taylor-sheridan-jordan-peelee-oz-perkins-pitching-takes/> ;
<https://www.fangoria.com/texas-chainsaw-massacre-rights-bidding-war/> ;
<https://deadline.com/2025/09/texas-chainsaw-massacre-a24-jt-mollner-glen-powell-1236530511/> e

[*bidding war*] que se deu pela *IP* [Propriedade Intelectual] da franquia em 2025. Diversas produtoras importantes do cenário cinematográfico - e mais especificamente do horror - entraram forte na disputa por esses direitos, tais como NEON, A24, Blumhouse, Monkeypaw, Paramount e nomes conhecidos do gênero como Jordan Peele (*Get Out*, *Us*, *NOPE*), Osgood Perkins (*Longlegs*, *The Monkey*, *Keeper*) e J.T. Mollner (*Strange Darling*) estiveram envolvidos de uma forma ou outra nessa disputa, que acabou com a vitória da produtora A24. A franquia ganhará um novo filme e uma série de TV, essa dirigida por J.T. Mollner.

O vindouro filme a ser produzido ficará a cargo de Curry Barker (*Milk & Serial, Obsession*) na direção, que durante a promoção de seu filme *Obsessão* (2025) vem aproveitando o espaço para falar sobre suas pretensões com o filme da franquia d'O Massacre, as quais se aproximam muito do que tenho pesquisando e argumentando nessa pesquisa. Barker afirma⁴ que: “Na verdade, quero explorar o desconforto da família. Quero mergulhar na crueza do que está acontecendo ali. Há coisas realmente perturbadoras acontecendo naquela fazenda. Sinto sinceramente que existe um enorme potencial nesse conceito que ainda não foi explorado” (Garner, 2026).

Curry Barker vai na direção de explorar a família no cinema de horror, pois existe uma fortíssima relação entre a instituição familiar e o cinema de horror, ponto já estudado por Tony Williams (1996, 2012, 2014, 2015). A franquia d'O Massacre não apenas explora como se aprofunda nessas relações intra e extra familiares para pensar maneiras de cuidado, afetos e violências que ocorrem, justamente por subverter essa ideia do *locus* da família como um espaço seguro, mas retomo novamente Williams, quando ele, focando na realidade social, reflete sobre a violência inerente na família, nos riscos e traumas que são trazidos pois essa instituição. Tony Williams escreve:

Quando indivíduos são forçados a continuar uma instituição que os causa infelicidade pessoal, uma instituição na qual eles nasceram dentro e não tem como escapar dela em uma idade vulnerável, então um grande dano patológico pode ocorrer. Esse livro continua a documentar exemplos cinemáticos Americanos de uma instituição disfuncional. Sem dúvidas, famílias felizes devem existir, mas isto não é motivo para a continuação socialmente imposta de uma instituição continue dominante com a exclusão de outras alternativas viáveis (Williams, 2014, p. 17).

Barker ao afirmar que quer pensar no que a família tem de desconfortável já conecta não só a franquia, mas os debates sobre horror e família com estudos de

<https://bloody-disgusting.com/tv/3932606/texas-chainsaw-massacre-tv-series-in-the-works-from-a24-jt-mollner-glen-powell-new-film-also-in-development/>. Acesso em 30 Jun. 2026.

⁴ Do original: “Really, I want to lean into the uncomfortability of the family. I want to lean into the rawness of what’s going on there. There’s some really messed up stuff happening at that farm. I genuinely feel there’s so much potential for that concept that has not been realized.”

parentesco, pois é deveras potente refletirmos tanto sobre as capacidades ambivalentes e negativas do parentesco (Carsten, 2014), quanto pensar nas tensões, violências, disputas em torno da unidade familiar (Franklin; Mckinnon, 2001), ou seja, o horror nos possibilita mover o terreno familiar para a violência, a tensão, e também por afetos gerados nesse entremeio.

Os filmes da franquia d'O Massacre potencializam debates e análises não apenas sobre o contexto socioeconômico e histórico (Larocca, 2013), mas também de um potencial familiar, a partir das famílias a qual nosso [proto/anta]gonista⁵ Leatherface faz parte. As famílias Sawyer, Slaughter e Hewitt são elementos centrais para a franquia, um nexos narrativo importantíssimo para as relações de afeto e violência que são perpetradas e instauradas a partir da serra.

O cinema de horror, enquanto gênero, por sua vez, tem uma relação não apenas próxima, mas intrínseca (Williams, 1996) com a família. A unidade familiar por muitas vezes não é apenas um elemento constituinte da cena, mas sim um fator que movimenta o filme, que põe engrenagens narrativas em ação. A família na série, é um ponto nevrálgico, um ponto central, muitos filmes não a colocam como nexos central, mas ela está sempre ali, presente participe do processo, muitas vezes os embates são causados justamente no confronto entre as famílias, entre o desconhecido, o monstruoso, e o que geralmente termina com a destruição e eventual reconstrução da família (Williams, 1996, 2014).

Este trabalho⁶, é um recorte da minha pesquisa de dissertação que analisa essa franquia fílmica focando na (re)apresentação, (re)produção e (de)formação da família nas narrativas fílmicas, as formas de violência e afeto que entrecortam e estão inseridas nas relações de parentesco dentro das películas. Dado que a família é um nexos nevrálgico e que os filmes são *tecnologias de família*⁷ que a produzem, nos filmes desta franquia a gênese da família é entrecortada pela serra. A produção sanguínea, seja no sagrar quanto no fazer-sangue, é um elemento que não apenas consolida os laços de parentesco os espessando, mas também os dissolve, os dilui (Carsten, 2014) na medida que a serra corta corpos e laços a partir da carnificina. A serra dentro da franquia, se torna uma

⁵ Me refiro à dois fatores. O fato que Leatherface é o antagonista da série, mas alguns filmes tentam criar uma sensibilização, quase o alçando como um protagonista. Também me refiro ao fato que muitas vezes no cinema de horror, o “monstro” da franquia é referido como um personagem principal, uma figura que marca o filme mais do que o protagonista que o enfrenta e sobrevive. Ele se torna uma figura-símbolo da franquia.

⁶ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁷ A noção de tecnologia de família, advém das pesquisas de Vi Grunvald, professora do Departamento de Antropologia da USP e dos Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da USP.

materialização do parentesco, ela corporifica esse *ethos* familiar de formas textuais e sub-textuais.

Por mais que todos os filmes da franquia de lidem em maior ou menor grau com família - e todos estão na pauta da análise -, será dado um enquadramento maior e um foco mais específico naqueles os quais a família se mostra como um elemento mais presente, mais central e protagonista da narrativa, não apenas como plano de fundo, mas parte da gênese familiar imagética, desse *fazer-família* (Grunvald, 2021).

A metodologia usada neste trabalho consiste na *etnografia fílmica* a qual tenho articulado nesse processo de pesquisa, de forma a tanto utilizar as formas com qual outros autores debatem sobre a metodologia (Reyna, 2019; Almeida, 2024), quanto de forma a pensar a forma com qual me relaciono através desse método etnográfico com o filme, a qual chamo de *mundo-película*. Essa relação criada com o mundo fílmico e o debate sobre formas teórico-metodológicas de se apropriar da etnografia fílmica para a pesquisa é o tema que adenso o debate em outro trabalho (Ferreira da Silva, 2025b), mas que articularei brevemente algumas questões relacionadas para permear sobre o que entendo enquanto ferramenta teórico-metodológica e as formas de aplicação na pesquisa.

Por etnografia fílmica - e por sua vez o *mundo-película* como abordagem - entendo a abordagem de se relacionar com o filme, não apenas como discurso e significado, mas como um mundo a ser habitado, uma possibilidade mundística de habitar e conhecer um outro. Assistir um filme, assim, não é apenas entrar em contato com a tela, mas fazer-se parte do filme, ser uma partícipe da obra, estar interagindo com os personagens-interlocutores através da narrativa, da câmera. É dividir o mundo e nossa vivência com aqueles personagens da tela, estarmos envolvidos corporalmente com a experiência fílmica.

O olhar atento e a participação se dão ao, novamente, não nos encontrarmos como espectadores, mas como alguém que está presente naquele mundo, fazendo parte da vida daqueles personagens e sendo alguém intrincado com a história. Nada define mais essa experiência do que o conceito de antropólogo-espectador (Hikiji, 1998), pois define essa dualidade espectral, esse estar entre dimensões diferentes, mas ainda habitando o plano fílmico, é estar assistindo o filme, mas participando e o experienciando.

O cinema de horror, por sua vez, nos permite acessar mundos brutais, mundos grotescos a qual diversas questões são trazidas na imagem. A violência presente, ou imagem-violência são:

[...] imagens da violência - atos de violência física implicando um (ou vários) agressor(es) e uma (ou várias) vítima(s). Por outro lado, estas eram imagens violentas em sua construção: provocam no espectador tensão, susto, ansiedade ou nojo, seja por sua elaboração rítmica, seja pela sua representação grotesca do ato violento (Hikiji, 2012, p.104).

Essa violência na tela, afastada da realidade social, permite trazer ao mundo filmico situações e traumas que por sua vez não podem, não devem ou não se consegue dizer-los, e colocando o espectador, o antropólogo e todos que querem adentrar nessa jornada horrorífica possibilidade de analisar essas situações em tela, e a violência ali no mundo do cinema se torna uma possibilidade de narrar, de contar o trauma, ou seja, “[a] imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (Seligmann-Silva, 2008, p. 70).

Estar imbricado no filme, ser um partícipe nos permite pensar o cinema como um campo passível da atividade etnográfica seja ela pensando sobre o cinema, ou em *locus* como define Isabel Wittmann (2017), como etnografia do/no cinema. Estar partícipe, experienciando o filme, é uma forma de concatenamos essas questões técnicas, como ângulos, figurino, planos, iluminação, mas também narrativa e por sua vez a experiência e a vivência daquele mundo. Deixar a etnografia filmica abrir as portas do cinema é algo deveras potente para a nossa pesquisa antropológica.

A franquia do Massacre: família em foco, enquadramento e cortes

A franquia *O Massacre da Serra Elétrica* é composta atualmente por nove filmes⁸: *The Texas Chain Saw Massacre* (1974), *Texas Chainsaw Massacre Part 2* (1986), *Leatherface: The Texas Chainsaw Massacre III* (1990), *Texas Chainsaw Massacre: The Next Generation* (1994)⁹, *The Texas Chainsaw Massacre* (2003), *The Texas Chainsaw Massacre: The Beginning* (2006), *Texas Chainsaw 3D* (2013), *Leatherface* (2017) e *Texas Chainsaw Massacre* (2022). Esses filmes podem ser subdivididos em diferentes linhas do tempo, exemplificadas pelo site Bloody Disgusting (imagem 1):

Imagem 1 - Linha do Tempo da Franquia Massacre da Serra Elétrica

⁸ Títulos em português: O Massacre da Serra Elétrica (1974), O Massacre da Serra Elétrica Parte 2 (1986), Leatherface - O Massacre da Serra Elétrica 3 (1990), O Massacre da Serra Elétrica - O Retorno (1994), O Massacre da Serra Elétrica (2003), O Massacre da Serra Elétrica - O Início (2006), O Massacre da Serra Elétrica 3D - A Lenda Continua (2013), Massacre no Texas (2017) e O Massacre da Serra Elétrica: O Retorno de Leatherface (2022).

⁹ Este filme foi lançado originalmente em 1994, com o título de *The Return of the Texas Chainsaw Massacre*, mas depois foi reeditado e relançado em 1995 com o novo título. Algumas catalogações divergem entre 1994 e 1995, mas usarei a primeira data de lançamento como base.



Fonte: DiVincenzo (2022)

Durante a franquia, muitas vezes esse potencial familiar é exaltado, enquadrado e a questão do sangue como um elemento balizador de relações, afetos e violência é colocado em primeiro plano. Desta feita, Curry Barker querer focar seu vindouro filme na família é trazer mais ainda o foco para esse potencial sanguíneo-familiar que já estava entranhado nas obras. Ao ponto em que a família ganha sobrenome, os laços se tornam mais aparentes, que a serra assume seu *locus* como materialização familiar, a franquia expõe a centralidade do elemento familiar para a narrativa e o mundo de Leatherface e seus parentes. Não só a família do [proto/anta]gonista é elaborada, mas outras são formadas e deformadas a partir dos encontros fatídicos com aquele que empunha a serra.

O fazer-sangue familiar nem sempre é mediado pela serra, mas essa capacidade violenta de produzir sangue é um elemento que não só produz como espessa as relações e afetações entre seus membros. Diversos filmes da franquia mostram momentos em que a união através da violência de gerar sangue de outrem operam como um momento

que ou altera status dentro da família - eleva a pessoa ao posto de um integrante “completo” da família - quanto geram uma produção de laços mais espessos, laços mais duradouros. A serra por sua vez é elemento constante nessas relações e a materialização dessa, mas essa produção é feita com outros utensílios, como martelos, por exemplo.

A franquia também aborda elementos como adoção, tendo caminhos distintos a essa abordagem. Um deles - *O Massacre da Serra Elétrica 3D - A Lenda Continua* (2013) - aponta para um elemento conservador ao reforçar os laços de sangue frente a laços não biogenéticos e formados socialmente. O filme de 2013 expõe essas estranhas sanguíneas como motor de força na franquia. Mas o filme de 2022 - *O Massacre da Serra Elétrica: O Retorno de Leatherface* - trata da “adoção” através do cuidado de crianças órfãs, como um caminho de afeto e carinho.

Um elemento que perpassa os dois filmes (e a franquia como um todo) e que serve como um balizador das relações entre sangue e adoção, é a chave do cuidado (*care*). Tanto Heather Miller/Edith Rose Sawyer do filme de 2013, quando descobre ser prima de Leatherface é incumbida por sua tia de cuidá-lo e toma para si esse manto quanto no filme de 2022, quando a mulher que cuidava de Leatherface falece, vemos o cuidado e carinho que ele tinha para ela, sendo esse o momento desencadeador da carnificina fílmica.

Embora em algumas obras o poder do sangue seja hierarquizado, nos filmes da produtora *Platinum Dunes*, o remake de 2003 e a prequência *O Massacre da Serra Elétrica - O Início* (2006), esse elemento da adoção é subvertido, pois a mãe biológica de Leatherface, Sloane morre no parto e ele é adotado pela família Hewitt - e ganha o nome de Thomas Brown Hewitt. Aqui a relação violenta vem não da família sanguínea e da força desses laços, mas sim do social, da criação e dos laços duradouros que são produzidos.

A série de filmes, por mais que durante as nove (9) obras circule entre hierarquizações do sangue vs o social, o elemento da família, do cuidado e da responsabilidade com aqueles que estabelecem laços familiares é algo que está acima de qualquer outro debate. Ou seja, a série mostra nos filmes que o elemento da família é o motivo *sine qua non* de sua existência. Leatherface existe apenas pela família e os filmes, por mais que às vezes coloquem este elemento em segundo plano, abordam de forma nuclear a família. Na franquia, a gênese da violência vem da família, seja ela biológica ou não. E também isso é demarcado na franquia através das famílias em tela, pois a família de Leatherface é aquela que hierarquiza a relação: os Sawyers a relação é sanguínea, os Hewitts é social, e os Slaughters - os quais fazem parte do quarto filme, *O*

Massacre da Serra Elétrica - O Retorno (1994) - acabam balanceando os dois, ao trazerem a questão sanguínea e a aliança como elementos preponderantes naquela família.

Me atrevo até a dizer que uma forma perversa, Leatherface e companhia se aproximam do *found family* de Kath Weston (1997) na medida em que essas relações de cuidado, mesmo que não sanguíneo, são protuberantes e preponderantes na vida dessas pessoas sem sua família, sem suas relações de afeto e violência com os seus, Leatherface - seja qual o nome e sobrenome dado - não é apenas um personagem, mas alguém que materializa não apenas um ethos familiar, mas a família em si, ele emana o horror familiar, os espessamento e diluição de laços e as ações drásticas que são feitas para manter a família. Drayton Sawyer (Cook), Tex, Chop-Top e Charlie Hewitt “Hoyt” - entre outros integrantes - atacam pessoas e matam para protegê-lo, para proteger a família e continuar sua produção sanguínea, ou seja, esses assassinatos vêm de um elemento de proteção e também, por mais que grotesco, de cuidado.

Na prequência de 2006 - *O Massacre da Serra Elétrica - O Início* -, ao ver o tio Monty ser ferido a bala na perna por uma das futuras vítimas de Leatherface e para protegê-lo, Charlie Hewitt “Hoyt” pede que Leatherface/Thomas Brown corte as pernas do tio numa tentativa violenta de cuidado. Cuidado esse que se torna efetivo, pois no remake de 2003, Monty está vivo. Até mesmo formas de se preocupar com a saúde dos parentes, nessas famílias filmicas da franquia, são entrecortadas por atos de violência, que por sua vez se tornam atos de cuidado, por mais que grotescos e brutais.

O filme *Massacre no Texas* (2017) também se entrelaça com o *found family*, poise Leatherface - que ainda não se tornou o titular - após ser separado de sua mãe e família sanguínea em uma instituição diz para outro detento, Ike, que Bud é sua “única família que ele conhece”, e é respondido por Ike para procurar sua “família de verdade”. Aqui existe um confronto dos laços sanguíneos e os de afeto, no qual na narrativa, são entrecortados a partir da violência. Jackson não escolhe seu caminho, a família e a violência balizam sua transformação em Leatherface, seja perder Bud ou ser encontrado por sua mãe Verna e seus irmãos Drayton e Nubbins Sawyer.

Este elemento de família, enquanto proteção, está presente ali tanto nos Sawyers sanguíneos quanto na aliança de “Jackson” (Jedidiah Sawyer) e Bud. Este filme é um que retoma essas questões familiares de forma um pouco mais latente. A morte de Bud é o que o coloca no caminho para se tornar Leatherface, ou seja, a perda da sua *found family* é o que o põe no caminho da violência. Afastado da família sanguínea ele estava tentando proteger a enfermeira Elizabeth/Lizzy, mas quando esta tenta fugir e causa a

morte de Bud pelas mãos da polícia, a perda da sua nova família é um ponto de limite para Jackson/Jed/Leatherface.

O remake, *O Massacre da Serra Elétrica* (2003), também diminui um pouco a tensão familiar ao suprimir a potência da serra em diluir parentesco, quando eles retiram os personagens de Sally e Franklin, ou seja, não tem uma família do outro lado. Esse elemento pode parecer que enfraquece o debate familiar, ao reduzir a tensão do entrecruzamento das famílias, mas permite o foco narrativo permanecer nos Hewitts. Mas a novelização reinstaura esse parentesco, pois os coloca como irmãos. Esse ponto também dialoga com Carsten (2014) na medida que o que cria o parentesco dos Hardesty no remake de 2003 não são as relações em tela, mas uma novelização externa, um documento que não apenas instaura esse parentesco, mas permite-nos olhar para as interações entre os dois a partir de um outro prisma, tal qual o filme original. Essa relação que está em tela, ganha outra potência de análise a partir desse parentesco instaurado pela novelização.

A serra aqui materializa esse elemento balizador da família, a base com que ela corta famílias e dilui seu sangue, ela espessa os parentes de Leatherface, seja a partir do assassinato e do canibalismo como um elemento de mutualidade do ser (Sahlins, 2013) quanto da produção de violência e carnificina. A comensalidade da refeição e do jantar em família - no qual o filme original explora de forma potente, coloca em imagem a dinâmica e a relação da família, as tensões, as violências, mas também afeto. Dividir a carne e o sangue alheio é uma forma de fortalecer os laços, fortalecer e proteger sua família perante uma ameaça de destruição. Gerar sangue aqui, é fortalecer o laço sanguíneo e de afeto, de cuidado.

Enquanto a serra - entre outras armas - fortalece as famílias Sawyer e Hewitt, ela corta as relações entre outros irmãos. A serra corta os Hardesty em 1974 e 2003, os Hill no filme de 2006, os Hartman em 2013 e 2017 e as irmãs Melody e Lila no filme de 2022. Aqui a serra não apenas materializa o parentesco, mas também baliza qual o parentesco - sanguíneo ou produzido através do fazer-sangue - que irá ser espessado, fortalecido e qual que será dilacerado e devorado.

A serra e a carnificina: o fazer-família e fazer sangue materializados em horror familiar

A serra aqui também ao materializar através do sangue e de sua essência familiar, acaba também se tornando uma *tecnologia de sangue* (Ferreira da Silva, 2023) que através dessa produção sanguínea violenta gera esse espessamento e diluição de

laços de parentesco. Na franquia a serra opera família e opera sangue, e por sua vez opera família através do sangue, do corte, da forma ritualística de instigar violência e gerar comensalidade através da pulsão sanguínea.

No terceiro filme, *Leatherface - O Massacre da Serra Elétrica 3* (1990), e na prequência de 2017 - *Massacre no Texas* - o matar é algo que muda o status familiar, então aqui o poder do fazer sangue não é apenas exposto, mas é reafirmada como uma atividade que une a família. A comensalidade canibal, demonstrada pelas cenas do jantar e pela festa de Jed no filme de 2017, também reforça essa questão dos laços que vêm a partir do sangue, da troca de violência e da alimentação em conjunto.

A resistência do jovem Jed de perpetrar a violência, é uma exposição e afirmação da relação de família sendo materializada pela serra posteriormente. A negativa do garoto de matar com a serra é vista como um elemento alheio, um elemento que se não seguido à prática, se o fazer-sangue não for levado a cabo, nas palavras de sua mãe Verna, a família estará destruída. Os Sawyers se mantêm através não apenas das formas consanguíneas de gerar família, mas muito através do fazer-sangue, como união, proteção e uma forma de manter seu modo de viver e fazer-família hermético e fechado ao mundo exterior.

O final, quando Jed assume a serra como elemento do fazer-família e fazer-sangue, realizando a violência impedida no início, ele muda seu status se torna um com a família e a serra novamente, se torna esse elemento que une a família, que materializa sua potência de gerar afetos, cuidado, proteção e violência. Ao final do filme, quando os Sawyers vão buscá-lo, a serra se torna o elemento que por fim, muda seu status e a si mesmo.

Para entender essa questão da serra como balizador do parentesco, evoco a matéria do parentesco (Carsten, 2014), no sentido que para a autora ao aprofundar mais o debate dos laços e sobre a relacionalidade, reflete sobre não só fluidos e essências, tais como o sangue formulam parentesco, mas não as únicas formas de conforma-lo, Carsten escreve que: “[e]ntre a aparentemente etérea e a obviamente física “matéria do parentesco”, também podemos incluir tipos de materiais semelhantes ao papel: fotografias, cartas, certos tipos de documentos, genealogias ou os cartões de Natal [...]” (Carsten, 2014, p. 107). No filme *O Massacre da Serra Elétrica 3D - A Lenda Continua* (2013), o pingente familiar queimado na pele da protagonista, a carta da herança deixada por Verna, a casa e os arquivos policiais sobre o massacre vigilante que acossou os Sawyers, são elementos centrais para a formação dela e aceitação enquanto uma

Sawyer”. O *ethos* dos Sawyers não veio apenas a partir do sangue, mas dessa miríade de elementos e matérias que compõem essa gama multicamada do parentesco.

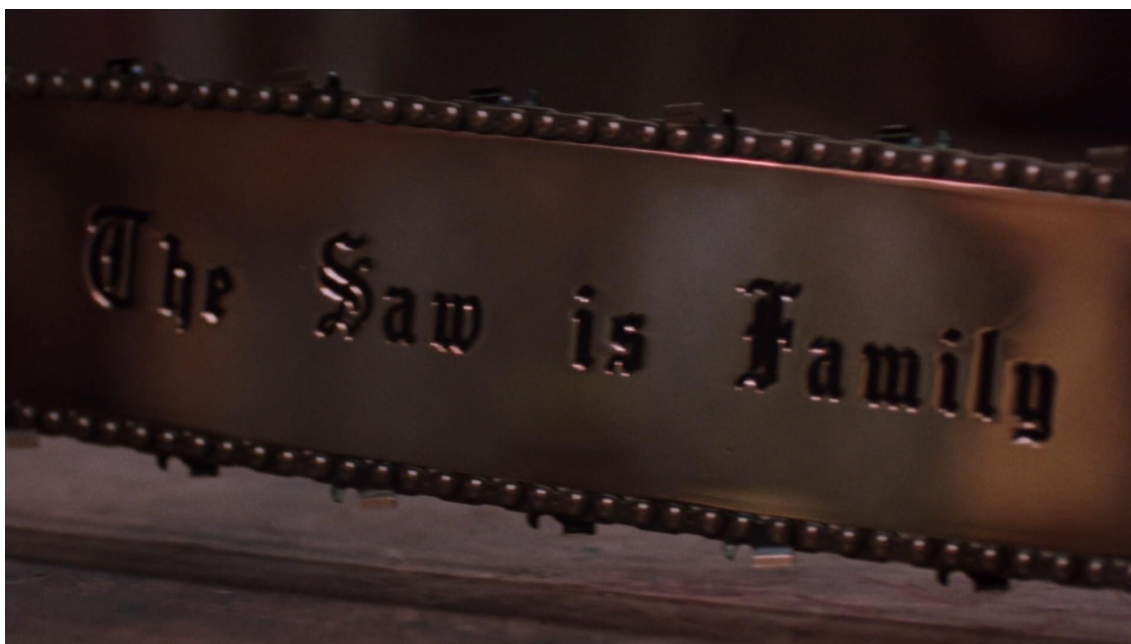
Se esses elementos, essas matérias se fazem constituintes do parentesco, a serra também é matéria e materializa o parentesco Sawyer, Hewitt e Slaughter, pois tanto enquanto um elemento que simboliza a família, como algo sabido dentro do mundo filmico. No segundo filme, *O Massacre da Serra Elétrica Parte 2* (1986) ao notar o interesse sexual de Leatherface pela DJ Stretch - a protagonista - Drayton fala: “[v]ocê tem uma escolha garoto, sexo ou a serra. Sexo é, bom... ninguém sabe. Mas a serra, a serra é família”. Essa frase confronta a serra com o elemento da sexualidade, colocando este na dimensão do desconhecido e a serra como unificador, quanto profere que a serra é sim o elemento que materializa toda produção familiar. Seja por produzir sangue ou por carregar o *ethos*, a vida dos Sawyers e sua proteção nela, ela é um elemento que gera parentesco, que baliza esse parentesco e que por sua vez o materializa.

No terceiro filme, *Leatherface - O Massacre da Serra Elétrica 3* (1990), esse elemento é aprofundado mais ainda quando Tex e Tinker dão de presente para Leatherface uma serra cromada com os dizer “a serra é família” (Imagem 2), e assim, se no segundo filme a serra era o elemento que representava etereamente a família, agora ela ganha forma, ela ganha materialidade. O próprio filme postula esse elemento e o constrói. Essa serra também é usada nas imagens promocionais do filme (imagem 3). Então a serra é um elemento central e nevralgico para a formação dos Sawyers - e estendo para as outras famílias filmicas. Essas questões fortalecem o debate com Carsten para pensarmos essa serra enquanto esse elemento que dá materialidade ao parentesco. Tony Williams resume:

Em certo momento, o velho segura a motosserra de Leatherface e diz: “A serra é a família”. A serra é o emblema da unidade dessa família, o símbolo central de sua união e de seu poder destrutivo; ser uma família é a força deles. Para o velho, a serra e a família são elementos confiáveis e familiares, em contraste com o sexo, que ele considera algo desconhecido (Williams, 2012, p. 182, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ Do original: “At one point the old man grasps Leatherface’s chainsaw and says, “The saw is family.” The saw is the emblem of this family’s unity, the central symbol of their togetherness and destructiveness; being a family is their strength. For the old man, the saw and family are things that are reliable and known, compared with sex, which he considers an unknown”.

Imagem 2 - 00:57:50



Fonte: Leatherface: The Texas Chainsaw Massacre III (1990)

Imagem 3 - Imagem promocional do terceiro filme



Fonte: Leatherface: The Texas Chainsaw Massacre III (1990)

O horror familiar, conceito que venho trabalhando em diversos trabalhos (Ferreira da Silva, 2023; 2024; 2025a) lida com as formas a qual a violência está inserida na unidade familiar tanto para manter as pessoas presas a essa estrutura quanto para espessar os laços e evitar dissoluções. Essas formas de violência psicológicas, sociais e físicas se fazem presentes nos filmes de horror através de formas físicas e sobrenaturais, as quais são articuladas a fim de perpetuar certos modelos de família. Esse conceito em expansão tenta engendrar e expressar essas diversas formas de

manutenção de formas e modelos de relações, que por mais que entrecruzadas por afetos e carinhos, ainda estão tem em seu âmago formas de medo e violência.

Na franquia, o horror familiar se expõe não apenas em formas violentas de diluir ou espessar o parentesco, mas também de hierarquizar formas de parentesco frente a outras. A franquia, ao escolher defender a primazia do sangue sobre outras relações de família e parentesco, ela não apenas coloca esse modelo como acima, mas acena com a possibilidade de ser o único, pois os laços criados através da adoção são descartados ao momento em que surge a relação consanguínea e biogenética. Ademais, podemos dizer que a relação dos Sawyers é baseada em sangue, mas que não são apenas esses laços que mantêm os vínculos, mas também as relações que são criadas entre eles, as violências que perpetuam essa forma de família estão entrelaçadas no fazer-família e através da serra, martelos e demais ferramentas, no fazer-sangue.

Enquanto o terreno familiar se mostra intrinsecamente violento nos Sawyers, ainda há espaço para relações de afeto - por mais que sejam entrecortadas por violências - por exemplo, quando a serra é dada por Tex e Tinker para Leatherface. A serra é um elemento mediador e materializador que tanto representa a família e materializa sua essência quanto a produz através do seu fazer-sangue violento.

Considerações Finais

A frase: *“família é um negócio complicado. Não há nada mais espesso que o sangue”*¹¹, presente no filme *O Massacre da Serra Elétrica 3D - A Lenda Continua* (2013), não apenas reforça a centralidade dos temas de família e parentesco para a franquia fílmica quanto traz duas acepções que quero aprofundar brevemente aqui. A primeira, que família é um negócio denso, confuso e bagunçado, pois aprofundar nas relações e tensões que envolvem fazer-família e parentes é uma tarefa que envolve diversas engrenagens, tecnologias, afetos, tensões e violências. A segunda acepção que *“não há nada mais espesso que o sangue”*, é deveras essencialista, apontando para um passado onde o sangue se sobressaia sobre as relações. Janet Carsten (2000a; 2004) ao escrever sobre a relacionalidade, trata dessas questões deslocando o parentesco do sanguíneo, para pensar em outras abordagens, formas de relacionalidade, e conexões que são criadas. O parentesco não se dá apenas pelas questões genéticas, mas também pelo social, e por questões que perpassam os dois. As formas de se relacionar, articulam e engendram questões de interesse, relações que são articuladas, espessas e diluídas a

¹¹ Do original: “[...] family's a messy business. Ain't nothing thicker than blood”.

partir de posições sociais e político-jurídicas, mas também através de questões sociais, cuidado e afeto.

Também questões de pertencimento (Fonseca, 2007; Edwards; Strathern, 2000) que podemos refletir a partir da franquia sobre o que significam essas questões de pertencimento, de ter uma pessoa. Ser “um dos meus”, não quer dizer que tenho posse sobre ela, mas que temos um laço. Existe essa questão de posse e pertencimento que dizem e conversam com a relacionalidade, no sentido que essas questões tem a ver com a questão de em família, ser pensada partir da ideia de que uns pertencem aos outros. os filmes reforçam isso, essas relações de pertencimento, troca, proteção.

Para reforçar esses laços, a serra serve como mediadora, balizadora de relações. Essas conexões precisam desse laço aterrador, precisam de algo que de um chão, para que essa corrente de pertencimento não se vá *ad nauseam*, mas não se fixe a um lugar. Não é só uma questão de ser da família, mas achar conexões que façam esse pertencimento, uma mediação, aqui exemplificado no fazer-sangue. podemos pensar essa produção não apenas pela consanguinidade, não só sangue, mas formas de comensalidade e formação de laços, as emoções dessas trocas se mostram como laços potentes nessa conformação. Fazer-sangue aqui não apenas produz descendência sanguínea, mas gerar parentesco através dessas trocas violentas de cortes e afetos.

O filme de 2013 passa uma visão essencialista de parentesco, que por ser um Sawyer, Heather Miller/Edith Rose Sawyer acaba por ser e representar o *ethos* Sawyer em si, mesmo tendo sido afastada da família. Isto faz parte do fazer-família fílmico e do fazer-sangue, pois novamente Heather Miller/Edith Rose Sawyer só troca de status quando ela assassina Ollie e depois ajuda seu primo a assassinar Burt Hartman, assim produzindo sangue e trocando seu status na família. Leatherface ao reconhecer a prima por sua cicatriz do pingente dos Sawyers, muda a atitude também, pois na visão do filme o sangue está acima de tudo, os Sawyers são uma família unida tanto pelo sangue, quanto pela sua produção, o fazer-sangue.

Desta feita ao pensarmos o cinema como uma *tecnologia de família*, podemos encaixar que esse filme, sua narrativa e elementos sobre família produzem não apenas uma narrativa, mas uma afirmativa sobre família e sangue, e seus entrecruzamentos. Novamente, ao relacionarmos as ideias expostas aqui, e a mudança tonal (*tonal shift*) da protagonista ao “descobrir” sua relação de parentesco é dada no filme como uma afirmação da força do sangue como esse elemento de união, único e unânime nas relações.

Retomo um ponto debatido anteriormente, referente a questão do vindouro filme de Curry Barker e os debates subsequentes que estão presentes nas redes sociais, os quais me aproximo e me distancio de algumas opiniões que estão em matérias e postagens da mídia especializada, mas também uso esse debate público para cristalizar algumas elucubrações as quais engendro a partir dos resultados da minha pesquisa. Quando John Squires (editor do site *Bloody Disgusting*) a partir do debate de Barker, escreve¹² que “[...] Leatherface não nada mais do que a serra que ele carrega”, defendendo que a franquia se volte mais a família e a uma densidade estrutural, esse trabalho é uma forma de discordar dessa ideia, pois se Leatherface é a serra que ele carrega e como expus “a serra é família”, Leatherface é e carrega a materialidade que forma, conforma e deforma sua família em mãos. Ele não só canaliza, como representa o *ethos* familiar, a produção violenta de sangue que gera a reprodução familiar.

No terceiro filme - *Leatherface - O Massacre da Serra Elétrica 3* (1990) -, quando Leatherface aparentemente morre no pântano, a serra, representação da família afunda. Enquanto ele resistia e lutava contra Benny, a serra continuava ativa, mesmo na água, ou seja, Leatherface e a serra por sua vez, são elementos que mantêm a família, são tecidos e fios que emaranham esses pertencimentos (Fonseca, 2019). No final ele retorna com a serra em mãos, ou seja, mesmo que diversos membros de sua família tenham sido mortos, a serra - e ele - ainda estão ali mantendo o nome, o seu fazer-família e o fazer-sangue, os Sawyers irão perpetuar - e franquia também-.

O fazer-sangue é uma atividade comensal e lúdica da família, como visto em *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), *O Massacre da Serra Elétrica Parte 2* (1986), *Leatherface - O Massacre da Serra Elétrica 3* (1990) e *Massacre no Texas* (2017), além de uma mudança de status também promove fortalecimento de laços familiares e de cuidado uns com os outros. Tirar sangue dos outros é produzir sangue para si. O fazer-sangue também serve como alimento para o vovô, ou seja, fazer-sangue também é prover alimentação e sustento para a família, assim, a violência na tela aqui, é usada para produzir e perpetuar a família, como é expressado em alguns dos filmes.

As famílias da franquia estão sempre presas em um ciclo horrorífico do fazer-família (Ferreira da Silva, 2025a), pois a própria violência exercida por Leatherface a outrem, nos filmes da franquia, muitas vezes é explicitada a razão de ser no sentido de proteger a família, evitar sua diluição, sua separação, proteger aqueles que

¹² “One core piece of Texas Chainsaw DNA that's been a bit sidelined in more recent years is THE FAMILY. That's your opportunity to create a bunch of colorful NEW characters. Leatherface is just the chainsaw they wield. The wacky family was a big draw for those early sequels.”. Cf. <https://x.com/FreddyInSpace/status/2049187615253864553>. Acesso em 30 jun. 2026.

são o seus, seu sangue. Gerar sangue aqui é uma maneira de proteger laços sanguíneos. Diluir sangue alheio é espessar o seu, fazer sangrar, fazer-sangue é fazer-família.

Referências

25 FILMS Named to National Film Registry for Preservation. **Library of Congress**, Estados Unidos da América. 17 dezembro 2024. Disponível em: <https://newsroom.loc.gov/news/25-films-named-to-national-film-registry-for-preservation/s/55d5285d-916f-4105-b7d4-7fc3ba8664e3>.

ALMEIDA, Aline Gama de. Notas para uma etnografia-filmica. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 25, n. 68, p. 39-62, 2024.

AURELI, Pier Vittorio; GIUDICI, Maria Shéhérazade. Familiar horror: Toward a critique of domestic space. **Log**, n. 38, p. 105-129, 2016.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p.103-118, 2014.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CARSTEN, Janet. **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000a.

CARSTEN, Janet. **Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness**. Oxford: Blackwell Pbs, 2007.

CARSTEN, Janet. House-lives as ethnography/biography. **Social Anthropology**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 103–116, 2018.

CARSTEN, Janet. ‘Knowing where you’ve come from’: ruptures and continuities of time and kinship in narratives of adoption reunions. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, Volume 6, Issue 4, 577-779, 2000b.

CHERRY, Brigid. **Horror**. Routledge, 2009.

CLOVER, Carol J. **Men, women, and chain saws: gender in the modern horror film**. Updated edition. Princeton University Press, 2015.

DIVINCENZO, Alex. Sequels, Remakes and Reboots – Diving Deep into the Many ‘Texas Chainsaw Massacre’ Timelines. **Bloody Disgusting**, 2022. Acesso em: 30 Jun 2026. Disponível em:

<https://bloody-disgusting.com/movie/3703433/sequels-remakes-and-reboots-diving-deep-into-the-many-texas-chainsaw-massacre-timelines/>

DOUGLAS, Ann. The Dream of the Wise Child: Freud's 'Family Romance' Revisited in Contemporary Narratives of Horror. **Prospects**, v. 9, p. 293-348, 1984.

EDWARDS, Jeanette; STRATHERN, Marilyn. "**Including our own**". In: CARSTEN, Janet (Org.). Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 149–166, 2000.

FERREIRA DA SILVA, Mário. Ciclo horrorífico do fazer-família: O "mal de família" em Hereditário (2018), Relíquia Macabra (2020) e Ninho do Mal (2022). **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 26, n. 70/2, p. 225–260, 2025a.

FERREIRA DA SILVA, Mário. **Horror familiar: sangue, vampiros e o fazer-família em Quando Chega a Escuridão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

FERREIRA DA SILVA, Mário. **Lentes do horror: a etnografia fílmica no cinema de gênero como proposta metodológico-analítica na pesquisa antropológica**. Anais da XV RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, 2025b.

FERREIRA DA SILVA, Mário. "**Mal de Família**": perspectivas e articulações entre cinema de horror, família e parentesco. Anais da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

FONSECA, Claudia. Os emaranhados fios de pertencimento. **Revista Mundaú**, n. 6, p. 18-36, 2019.

FRANKLIN, Sarah; MCKINNON, Susan. **Relative Values: reconfiguring kinship studies**. Durham & London: Duke University Press, 2001.

GARNER, Glenn. 'Texas Chainsaw Massacre' Writer/Director Curry Barker Wants To Explore Leatherface's Family: "Some Really Messed Up Stuff Happening At That Farm". **Deadline**, 2026. Acesso em: 30 Jun 2026. Disponível em: <https://deadline.com/2026/05/texas-chainsaw-massacre-curry-barker-leatherface-family-1236879049/>

GRUNVALD, V. Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 28, 2021.

HARTOG, Hendrik. **Someday all this will be yours: a history of inheritance and old age**. Harvard University Press, 2012.

HELLER-NICHOLAS, Alexandra. **Masks in horror cinema: Eyes without faces**. University of Wales Press, 2019.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Antropólogos vão ao cinema - observações sobre a constituição do filme como campo. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), 7(7), 91-113, 1998.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagem-violência: etnografia de um cinema provocador**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

JAWORZYN, Stefan. **O Massacre da Serra Elétrica [Arquivos Sangrentos]**. Rio de Janeiro: DarkSide, 2013.

LAROCCA, Gabriela Müller. **Representação e crítica social no cinema de horror: o capitalismo e a família norte-americana em O Massacre da Serra Elétrica (1973–1979)**. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2013.

LEATHERFACE. Direção: Julien Maury, Alexandre Bustillo. Produção de Christa Campbell, Lati Grobman, Carl Mazzocone, Les Weldon. Estados Unidos: Lionsgate, 2017. 90 minutos.

LEATHERFACE: THE TEXAS CHAINSAW MASSACRE III. Direção: Jeff Burr. Produção de Robert Engelman. Estados Unidos: New Line Cinema, 1990. 85 minutos.

REYNA, Carlos. Antropologia e Cinema: Algumas Considerações Teóricas-Metodológicas. **Revista Ambivalências**, v. 7, n. 13, p. 10-29, 2019.

SAHLINS, Marshall. **What kinship is – and is not**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, 2008.

TEXAS CHAINSAW 3D. Direção: John Luessenhop. Produção de Carl Mazzone. Estados Unidos: Lionsgate, 2013. 92 minutos.

TEXAS CHAINSAW MASSACRE. Direção: David Blue Garcia. Produção de Fede Álvarez, Herbert W. Gains, Kim Henkel, Ian Henkel, Pat Cassidy. Estados Unidos: Netflix, 2022. 83 minutos.

TEXAS CHAINSAW MASSACRE PART II. Direção: Tobe Hooper. Produção de Menahem Golan, Yoram Globus. Estados Unidos: Cannon Releasing, 1986. 101 minutos.

TEXAS CHAINSAW MASSACRE: THE NEXT GENERATION. Direção: Kim Henkel. Produção de Robert Kuhn, Kim Henkel. Estados Unidos: Columbia TriStar Pictures, 1994. 95 minutos.

THE TEXAS CHAIN SAW MASSACRE. Direção: Tobe Hooper. Produção de Tobe Hooper. Estados Unidos: Bryanston Distributing Company, 1974. 83 minutos.

THE TEXAS CHAINSAW MASSACRE. Direção: Marcus Nispel. Produção de Michael Bay, Mike Fleiss. Estados Unidos: New Line Cinema, 2003. 98 minutos.

THE TEXAS CHAINSAW MASSACRE: THE BEGINNING. Direção: Jonathan Liebesman. Produção de Michael Bay, Mike Fleiss, Tobe Hooper, Kim Henkel, Andrew Form, Brad Fuller. Estados Unidos: New Line Cinema, 2006. 91 minutos.

WESTON, Kath. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. Revised Edition. New York: Columbia University Press, 1997.

WILLIAMS, Tony. “**Families: The Last House on the Left and The Texas Chain Saw Massacre**”. In: KAWIN, Bruce (org.). *Horror and the horror film*. Anthem Press, 2012.

WILLIAMS, Tony. **Hearths of Darkness: The Family in the American Horror Film**. New Jersey: Fairleigh Dickinson University Press, 1996.

WILLIAMS, Tony. **Hearths of Darkness: The Family in the American Horror Film**. Updated Edition. Mississippi: The University Press of Mississippi, 2014.

WILLIAMS, Tony. **Trying to Survive on the Darker Side: 1980s Family Horror**. In: GRANT, Barry Keith (org.). *The Dread of Difference: Gender and the Horror Film*, 2nd ed. University of Texas Press. p. 192-208, 2015.

WITTMANN, Isabel. **Etnografia do/no cinema: algumas questões metodológicas e epistemológicas**. Anais da XII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul, 2017.